

## Ser, estar e pensar na profissão professor(a) de música

### Comunicação

#### GTE 14 – Formação Docente em Música

Mônica Luchese Marques  
Universidade Federal do Maranhão  
monica.luchese@ufma.br

**Resumo:** Este artigo pretende discutir o ser, estar e pensar a profissão professor/a de música na escola de Educação Básica. É um desdobramento de minha investigação de doutorado (Marques, 2024) que teve como objetivo geral compreender o processo de se (trans)formar professor(a) de música na escola básica durante o Estágio Supervisionado, culminando no desenvolvimento de uma Integração Teórica. Como aportes metodológicos, a pesquisa utilizou a Teoria Fundamental, na perspectiva Análise Situacional (Clarke, 2005), e a (Auto)biografia, o método utilizado para a produção de informações foi o Ateliê Biográfico de Projeto (Delory-Momberguer, 2006). Como recorte para esta comunicação, foram selecionadas narrativas de um único estagiário que também é professor de música na escola pública de educação básica, produzidas no primeiro semestre de 2022. Para o licenciando, o significado do ser professor está no aspecto relacional da profissão com a equipe de trabalho e alunos/as, o que gera a responsabilização do ser profissional. Já o estar se relaciona com a escola pública, como um espaço-tempo de características únicas de vivenciar e professorar a música com os alunos/as e aprender a ensinar. Por fim, o pensar na profissão docente, como uma ação política que influencia o querer ser e continuar na profissão. Espera-se com essa discussão fomentar a ênfase na necessidade de profissão e formação caminharem juntas no processo de (trans)formação docente.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado; Música Licenciatura; Escola de Educação Básica.

### Introdução

Mônica: Você tá gostando, Vinícius, de ser professor de [música] na escola?

Vinicius: Tô. Pior que tô gostando!

[todos riem e comentam ao mesmo tempo]

Essa conversa aconteceu na disciplina de Estágio Supervisionado III do curso de Música Licenciatura na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 2022. O trecho descrito foi dito após o estagiário relatar sobre sua experiência como professor de música na escola de Educação Básica. Sua resposta, em tom de surpresa, enfatizou a palavra “Pior”, o que gerou

várias conversas e risos dos demais colegas presentes na situação. Aqui, o sentido da palavra está na contradição, pois o estudante tinha dito anteriormente a este diálogo que ao entrar na licenciatura não pensava em ser professor e que ao começar a ministrar aulas de música, como docente temporário na rede municipal de ensino, teve algumas dificuldades, “principalmente com os anos iniciais [do ensino fundamental]”. A conversa segue com o estagiário descrevendo como o estágio supervisionado o ajudou em sua prática profissional.

A revelação do estar gostando de ser professor de música mostra, também, o ser, estar e pensar a profissão professor/a de música de Vinicius. Nesse sentido, o ser professor que demonstra um corpo de conhecimentos específicos, normas, valores, comportamentos de indivíduos em um coletivo; o estar, no sentido espaço-tempo, como discutido por Larrosa (2018, p. 26), como um ofício, pois esse é “inseparável do lugar onde é exercido”; e o pensar, na projeção de futuro e de (trans)formações profissionais, para Nóvoa (2017, p. 1130) “ser professor é conquistar uma posição no meio da profissão, mas é também tomar posição, publicamente, sobre os grandes temas educativos e participar na construção de políticas públicas”.

Assim, neste artigo, pretendo discutir, a partir de narrativas de um estagiário, Vinicius, produzidas na disciplina de Estágio Supervisionado, seu ser, estar e pensar a profissão professor/a de música na escola. Essa análise é um desdobramento de minha pesquisa de doutorado (Marques, 2024), que teve o objetivo geral de compreender o processo de se (trans)formar professor/a de música na escola básica durante o Estágio Supervisionado, culminando no desenvolvimento de uma Integração Teórica. Mais especificamente, busquei identificar, nas narrativas de estagiários/as, experiências vividas que influenciaram seus processos de se (trans)formar em professores/as de música na escola e descrever os elementos e ações dos/as estagiários/as durante a realização do Ateliê Biográfico de Projeto e suas percepções sobre a profissão professor/a.

Como aportes metodológicos, a pesquisa utilizou a Teoria Fundamental, na perspectiva Análise Situacional (Clarke, 2005), e a (Auto)biografia. A combinação metodológica se deu a partir da busca de uma epistemologia do encontro, em construir a investigação de uma forma colaborativa e processual. Os significados dos elementos e da situação pesquisada foram revelados pelos estagiários/as por meio de narrativas orais, escritas e musicais em 18

encontros da disciplina de Estágio Supervisionado com o campo de trabalho na escola básica pública.

O método para a produção de informações foi o Ateliê Biográfico de Projeto (Delory-Momberguer, 2006). Nesse, no segundo semestre de 2022, foram produzidas e socializadas narrativas, estimuladas por meio de experiências vividas na escola de educação básica, filmes, músicas e conversas. A partir dessas, foram construídos mapas e categorias que geraram a integração teórica no conceito do/a estagiário/a como um ser/estar plural, que propõe a desconstrução do Eu para a construção do Nós, um Outro Eu, com os alunos/as da escola (Marques, 2024).

## Ser professor(a) de música

Vinicius tinha 25 anos quando fez o Estágio Supervisionado com o campo de trabalho na escola de educação básica. Seu estágio foi realizado no ensino médio no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). No mesmo semestre foi chamado para trabalhar, em contrato temporário<sup>1</sup>, como professor de música no ensino fundamental em uma escola municipal. Essa característica, de estudantes exercerem a docência enquanto frequentam o curso de licenciatura em Música, é apontada nas pesquisas de Morato (2009) e Costa e Ribeiro (2021).

Em 2021, segundo o resultado do Enade<sup>2</sup>, como Indicador de Qualidade da Educação Superior, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), publicado em 24/03/2023, 70% dos participantes dos cursos de licenciaturas no Brasil trabalhavam. É importante apontar que, nesse mesmo senso, o curso de Música apresenta a maior porcentagem de estudantes que possuem experiência com o magistério antes e durante o curso superior, mais de 70%.

Logo, tanto no exemplo do estagiário deste artigo quanto de muitos estudantes das licenciaturas brasileiras, refletir sobre o ser professor/a junto com o tornar-se professor/a faz parte de seus mundos de trabalho e de formação. Nas palavras do estagiário,

---

<sup>1</sup> Admissão de Professores(as) em Caráter Temporário (ACT) em Florianópolis no ano de 2022 tem como um dos critérios de seleção estar cursando a partir do quinto semestre a licenciatura.

<sup>2</sup> Exame Nacional de desempenho dos Estudantes, para ver todos os dados por área acessar <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enade>

Recentemente fui chamado para trabalhar como professor de música da prefeitura. Por conta disso, tenho pensado bastante na importância da educação musical para a sociedade. Se olho para a minha experiência, penso que um outro tipo de educação musical teria tido importância. Por outro lado, penso que minha experiência não deve ser a única a ser levada em consideração, quando pensamos e discutimos essas questões. E aí a gente tinha acabado de assistir a aquele documentário de 2022, e uma das frases da produtora do documentário dizia algo nas linhas de: “O Brasil ainda não é um país emancipado politicamente”. Essa frase ficou ressoando na minha mente, enfim, eu penso que a arte tem um papel de destaque nesse processo de emancipação, e agora, a partir das minhas novas vivências na escola, também a educação musical.

Na fala de Vinícios é possível perceber que sua experiência como professor expandiu sua percepção sobre o que é a educação musical. Essa revelação demonstra uma preocupação com sua função profissional para a sociedade, com sua ética profissional de ensinar música. No caso, a função social da profissão professor/a de música está atrelada à emancipação do/a aluno/a da escola. Em sua narrativa, ele também enfatiza que, a partir de um filme assistido na disciplina de Estágio Supervisionado, “2022”, refletiu sobre sua concepção de arte e educação musical. Isso reforça o que o autor Nóvoa (2021) escreve sobre os saberes necessários à ação docente que devem ser desenvolvidos na formação. Para o autor, os/as professores/as devem ser sujeitos e objetos da formação, logo deve-se enfatizar o caráter individual e coletivo de trabalho onde os/as docentes se desenvolverão profissionalmente, o que implica “saber relacionar e saber relacionar-se, saber organizar e saber organizar-se, saber analisar e saber analisar-se” (Nóvoa, 2021, p. 479).

Nesse sentido, outro filme discutido na disciplina de Estágio Supervisionado, “Pro dia nascer feliz”, levou os/as estagiários/as a refletirem sobre as diversas responsabilidades do/a professor/a. Nessa conversa, Vinicius trouxe novamente o que sua experiência docente o ensinou. Em suas palavras,

Eu acho doido essas responsabilidades. Primeiro que assim, você não dá conta! Você pega, sei lá, seis turmas com 30 alunos. Você não sabe os problemas deles. A realidade deles, tipo aos poucos você vai sabendo: tem uma lista na escola que você vai vendo o que o aluno tem. Mas tem alunos que aparecem duas vezes na semana e depois não aparecem... E aí você vai à secretaria e te falam que ele tem uma

situação complicada em casa, uma realidade muito difícil, e você tem que lidar. Eu acho que você tem que ter muito forte o que você acredita e na hora tomar as decisões certas! Você não vai ter um tempão para ficar pensando nas coisas, para ficar refletindo... Tem coisas [que] eu, você, tem que tomar a decisão certas ali, né? Uma das coisas que me marcou, assim foi a questão do outro filme ser professor[a] é ser educador[a] que é diferente. Eu tenho uma aluna do sexto ano que não sabe ler, nem escrever nada, absolutamente nada. Então, você prepara um conteúdo... E aí, teve um dia que eu tava passando um texto e aí na hora de passar eu olhei para ela, já tava nervosa, ela veio para falar comigo [e] pediu para ir ao banheiro. Chamei ela para conversar e expliquei para ela a situação: a gente vai usar isso para tal coisa, então, conforme eu for explicando [e] você for sentindo dificuldade, vem e fala comigo. Tipo essa coisa assim, é um cuidado diferente quando você deixa de pensar: eu tô aqui como professor, tô cumprindo minhas obrigações na secretaria, preenchendo notas, coisas do sistema lá lá lá... E você começa a pensar nesse outro lado do educador, assim as coisas começam a fluir melhor. Até nas relações com os alunos, né? Os alunos começam a te ver de outra forma, se relacionar de outro jeito. Eu acho isso importante, mas é uma resposta. Mas, também, você vai ter gente! Sei lá, vai ter outras pessoas, tem equipe, tem pessoas mais experientes. Você não está sozinho! Te jogam dentro da sala, mas se você precisar de ajuda, tem.

Ao relatar alguns elementos de seu cotidiano de professor de música, como quantidade de alunos/as e turmas, frequência nas aulas de música, situação de vulnerabilidade dos alunos/as, tempo de reação do professor/a frente a situações mais difíceis, o estagiário e professor pontua que essas situações complicadas aparecem, mas que por meio delas, ressignificou o cuidar. Ele começou a pensar no lado do educador, dando significado diferente ao ser professor e ser educador. Assim, compartilha com seus colegas estagiários/as que o/a professor/a não está sozinho/a, tem uma equipe. Logo, a responsabilidade existe, mas há também um coletivo que o/a ampara.

Jardim (2016) discute a imagem criada do professor/a herói/na em filmes produzidos no cinema *mainstream* de Hollywood. Para a autora, um dos efeitos dessas narrativas é a constituição de uma imaginária dos méritos individuais e de poucos, de um/a professor/a não humano. Retratam “a chegada desse estranho missionário disposto a romper com os vaticínios modernos” (Jardim, 2016, p. 156). O individualismo é exacerbado nessa imagem. A frase “te jogam dentro da sala”, narrada por Vinicius, remete a uma ação na qual o/a

professor/a é submetido/a por alguém. O docente está com os/a alunos/as, com “gente”, não está “só” e se “precisar de ajuda, tem”, mas é preciso da ação do/a professor/a em ir atrás de ajuda e, conseqüentemente, perceber o que está precisando. Essas ideias podem sugerir uma sensação de cultura profissional, de um fazer coletivo, porém está longe de uma ação comum, pois a busca pela “ajuda” tem que partir do indivíduo. O que nem sempre acontece devido às demandas individuais que muitas vezes tornam invisíveis.

Diniz-Pereira (2015) discute a construção social da identidade profissional dos/as professores/as, centrada na característica do individualismo. A estrutura, a cultura das escolas e os significados sociais sobre o magistério são fatores que moldam a identidade dos/as professores/as. O autor apresenta três mitos culturais que interferem no processo de aprender a ensinar: “tudo depende do professor”, “o professor é perito” e os “professores são self-made” (Britman, 1991 apud Diniz-Pereira, 2015, p. 136). Esses mitos influenciam nessa iniciativa do professor/a em pedir “ajuda”. Logo, ser professor está atrelado ao estar, ao contexto de trabalho, fator que determina e influencia o significado da profissão professor/a de música.

## **Estar professor(a) de música**

O contato com os alunos é o que mais mexe com a gente, que a gente menos está acostumado, né?

Para Vinicius, um dos aspectos importantes que definem a profissão professor/a é o contato com os/as alunos/as da Educação Básica. Essa característica relacional da profissão é discutida por Tardif (2013). Nesse sentido, a escola como espaço-tempo de trabalho se torna único, por suas especificidades, como afirmam Jean Masschelein e Maarten Simons (2019), é o espaço que transforma o conhecimento e as habilidades dos indivíduos em bens comuns, o futuro dela é uma questão pública, pois afeta todos os seres humanos. Assim, o contato com o público, com a diversidade, com o coletivo afeta a forma como os/as estagiários/as veem a profissão professor/a de música.

Para Larrosa (2018, p. 26) é importante olharmos para a profissão docente como um ofício. Apesar de valores e hierarquia atribuídos a estes conceitos, profissão *versus* ofício, para o autor, “o ofício é inseparável do lugar onde é exercido”, fato essencial para a profissão

professor/a. Logo, a escola pública como espaço vivido, o estar imerso na instituição ensinou o estagiário, como exemplo, ele narra a seguinte situação de uma aula:

Eu acabei me confundindo um pouco na explicação e perdi um pouco a atenção dos alunos. Aliado a isso, eu esqueci uma parte da melodia e precisei abrir a apresentação do google, porque eu transcrevi a melodia e usei como referência. Como a internet da escola estava ruim, isso demorou alguns minutos, a professora [supervisora] interveio e deu um intervalo pro pessoal ir ao banheiro. Percebi que nesses momentos de imprevisto é sempre bom ter o que falar com os alunos, ou ter alguma carta na manga, ou então a aula perde um pouco do ritmo.

Assim, o professorar mostrou para o estagiário uma estratégia, que ele chamou de “carta na manga”, que pode ser usada em seu cotidiano profissional. A materialização da escola como espaço de trabalho é fundamental para a formação docente. É preciso dar voz à escola, por meio de experiências concretas que permitirão a compreensão do vocabulário real docente e suas adaptações contextuais. Ouvir a escola e seu/sua professor/a em meio a prática-pedagógico musical é um dos desafios da educação musical para Bellochio (2016). Logo, estar na escola é trazer para a formação do professor/a de música os aspectos políticos que envolvem o estar na profissão, como no caso narrado, as adaptações realizadas por falta de internet na escola. O que demanda, também, a reflexão por melhores condições de ensino-aprendizagem na escola pública. Para Larrosa

[...] quando a escola se converte em um instrumento, o professor se converte em um servidor, em um funcionário, em um empregado, em um prestador de serviços, em um produtor, em alguém cuja função é servir àqueles que definem as políticas educativas, aos que dizem, em cada caso, qual a sua função e quem são fundamentalmente (e sem entrar em detalhes), os empresários, os representantes da economia, aqueles que entendem a educação como uma inversão, a escola como uma empresa e o professor como um encarregado ou um mandado (Larrosa, 2018, p. 49).

Assim, a reflexão sobre o papel da escola faz parte da profissão docente. Pois a forma como se compreende esse espaço reflete na ação do/a professor/a, e consequentemente em sua formação. O/a professor/a é aquele que é obrigado a falar e agir publicamente, e tudo o que ele oferece torna-se um bem comum. Desse modo, o ser e estar levam ao pensar sobre a

profissão, como um ato de projeção, de busca constante de melhores condições de trabalho, de conquistas pessoais e avanços sociais.

## Pensar a profissão professor(a) de música

Eu fico com essa questão, tipo pensar uma educação diferente, né? Diferente do que está aí está posto, né? Mas não funciona? Eu acho que a dificuldade é imaginar outras possibilidades, sabe? É algo diferente, mas é diferente como? O que que muda? Onde e como trabalhar isso? Sei lá, quando eu penso em uma escola convencional, em um contexto desse... essa é a minha dificuldade [em] pensar, essas possibilidades, mas é eu comigo mesmo.

A fala de Vinicius enfatiza o pensamento interno para a busca de mudança. Porém, como o estagiário e professor coloca, é difícil pensar no diferente do que está posto, pela tradição ou pela experiência vivida. Demanda um engajamento pessoal, uma ruptura com a realidade construída em seu processo de formação. Assim, o pensar, conversar e questionar podem permitir impulsos de mudanças práticas. Na narrativa, o estagiário se indaga a pensar em uma educação diferente. E reflete sobre a “escola convencional”. Quais os códigos, comportamentos, saberes são institucionalizados pela escola? Por ser um aparelho de socialização primária, assim como a família, faz-se necessário refletir sobre seu papel de reprodução social, e, no caso, profissional.

Durante o processo de formação, os saberes profissionais aprendidos deveriam proporcionar o novo, a ruptura que leva a transformação desse espaço social, que acontece com o choque proporcionado entre as realidades vividas como professores/as de Música. Essas relações da instituição escolar são coletivas. Assim, não se pode separar a formação acadêmico-profissional da formação continuada. O/a professor/a, como afirma Freire (2020), se formam pela partilha, pelo saber compartilhado, pela reflexão crítica sobre a prática, em uma formação permanente. Para Nóvoa (1999) a formação de adultos deve ser pensada em sua história de vida, em refletir o modo como esses se formam. É um processo coletivo que gira em torno de resoluções de problemas, na produção do saber. Logo, o (trans)formar de estagiários/as deve acontecer junto com o de professores/as, tanto da universidade quanto da escola. Em um sentido único de formação e transformações da educação.

Essa característica, apontada pelos autores e Vinicius, coloca o Estágio Supervisionado em um lugar privilegiado na formação docente. Pois é o espaço institucionalizado de encontro entre universidade, escola e licenciando. Sendo então, um espaço que proporciona o questionamento e o pensamento compartilhado. Na fala de Vinicius, ao colocar sua dificuldade, consigo mesmo, o estagiário leva seu questionamento para conversar com os colegas e é instigado a pensar e tentar colocar em seu cotidiano profissional, ou futuro, por meio do pensamento, mudanças de comportamento profissional. Assim, o pensar gera novas decisões de ação e/ou tentativas de compreender o ser e o estar na profissão professor/a.

## Considerações finais

Ao concluir este artigo retorno a fala inicial de Vinicius, na ênfase de se surpreender com o estar gostando de ser professor, “Pior que tô gostando!”. Em tempo de precarização docente, com a falta de concursos públicos específicos para professores/as de Música, baixos salários e pouca infraestrutura para as aulas, o gostar de ser professor/a parece algo estranho, inimaginável, ainda mais quando se inicia uma licenciatura querendo estar no bacharelado.

Nesse sentido, neste artigo busquei discutir, de forma breve, esse ser, estar e pensar a profissão professor/a de Música, elementos que permitem compreender o que impulsiona esse profissional a querer continuar e/ou se tornar professor/a. Para isso, foram utilizadas narrativas de um estagiário e professor de música da escola pública de Educação Básica, reveladas em uma disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Música Licenciatura. Para o estagiário e professor, Vinicius, foram a escola, os(as) alunos(as) e sua reflexão política os fatores que influenciaram esse processo de (trans)formar-se.

Para o licenciando, o significado do ser professor está no aspecto relacional da profissão com a equipe de trabalho e alunos/as, o que gera a responsabilização do ser profissional. Já o estar se relaciona com a escola pública, como um espaço-tempo de características únicas de vivenciar e professorar a música com os alunos/as e aprender a ensinar. Por fim, o pensar na profissão docente, como uma ação política que influencia o querer ser e continuar na profissão.

Assim, a formação de professores/as de Música demanda constante reflexão e adaptações daqueles que estão em ação profissional. Essa característica enfatiza o processo

de formação permanente e o significado da palavra (trans)formação, a formação do professor/a baseada nas experiências geradas no significado de ser, estar e pensar na profissão de professor/a de Música. Logo, no querer tornar-se e continuar a ser professor/a de música como uma ação única, inseparável.

## Referências

BELLOCHIO, Cláudia R. Formação de professores de música: desafios éticos e humanos para pensar possibilidades e inovações. *Revista da ABEM*, v. 24, n. 36, p. 8-22, jan-jun, 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 359 371, maio/ago. 2006.

DINIZ-PEREIRA, J. Emílio. A construção social do individualismo na profissão docente: como transcender as fronteiras tradicionais da identidade dos professores? *Revista Educação*. PUC-Camp, v. 20, n. 2, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

JARDIM, Fabiana A. Imagens do professor no cinema: o professor herói. In: LIMA, A; PAGOTTO-EUZEPIO, M.; ALMEIDA, R. *Antiguidades Contemporâneas: XII Semana de Estudos Clássicos da FEUSP*. São Paulo: 2016.

LARROSA, J. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor*. Tradução Cristina Antunes. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MARQUES, Mônica Luchese. “De uma resposta bizarra”: Um outro Eu com os(as) alunos(as) no estágio da Licenciatura em Música. *Tese (Doutorado em Música) UDESC*, 2024.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. *Em Defesa da Escola: uma questão pública*. 2.ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MORATO, Cintia Thais. Estudar e trabalhar durante a graduação em Música: construindo sentidos durante a formação profissional do músico e do professor de Música. *Tese (Doutorado em Música) UFRGS*, 2009.

NÓVOA, António. O Passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org), *Profissão professor*. 2. ed., Editora: Porto. Portugal, 1999.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez, 2017.

NÓVOA, A. O espaço público da educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 28, n. 4, out./dez., 2021

TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. *Educação & Sociedade*, v.34, n.123, p. 551-571, 2013.